O jovem religioso de Santo Antônio

O sábio arcebispo de Florença, Santo Antônio, conta-nos um episódio terrível que, em meados do século XV, apavorou todo o norte da Itália.

Um jovem de boa família, com dezesseis ou dezessete anos, caiu em desgraça ao esconder um pecado mortal na confissão e comungar nesse estado. Em função de uma miserável honra humana, passou a adiar a comunicação do seu pecado, entregando-se, semana após semana, mês após mês, à confissão e à comunhão sem revelar o seu sacrilégio.

Remoído pelo remorso, passou a fazer grandes penitências e houve quem o tomasse por santo. Não podendo levar isso além, decidiu entrar para um mosteiro: "Lá, ao menos, eu poderia confessar tudo e expiar meus terríveis pecados", pensava.

Mas, para sua miséria, os Superiores, que o conheciam de reputação, acolheram-no como se um santo fosse.

Tomado pela vergonha, que o impedia de revelar seu pecado, continuou a adiar a confissão e redobrar suas penitências. Passou dois ou três anos nesse deplorável estado, sem ousar revelar o peso medonho que o esmagava.

Por fim, uma doença mortal o atacou e parecia facilitar-lhe o meio para a sua remissão. "De uma vez por todas, confessarei tudo antes de morrer". Mas, por amor próprio, sempre omitia o seu pecado. Suas confissões eram tão confusas que o confessor não as entendia. Então, sempre guardava para o dia seguinte um vago desejo de se redimir.

Porém, de súbito, foi atacado por um acesso de delírio e, pouco tempo depois, o infeliz acabou morrendo sem relevar o grave segredo.

Na comunidade, onde ninguém tinha conhecimento de tão terrível realidade, ouvia-se: "Se esse não foi para o céu, quem de nós poderá ir?" E colocavam cruzes, rosários e medalhas de santos em suas mãos. Por fim, o corpo foi levado, com certa veneração, para uma igreja do mosteiro e lá permaneceu exposto até o dia seguinte, quando se celebraria o funeral.

Instantes antes da hora fixada para a cerimônia, um dos frades, enviado para fazer soar os sinos, percebeu que diante dele, próximo ao altar, o defunto estava cercado por rodas de fogo e algo incandescente parecia refletir do corpo. Apavorado, o frade caiu de joelhos com os olhos fixados na terrível imagem, quando o próprio condenado lhe disse: "Não orem por mim, pois estou no inferno para toda a eternidade"; e passou a contar a lamentável história de sua miserável honra e todos os seus sacrilégios. Logo depois desapareceu, deixando na igreja um odor fétido que se espalhou por todo o mosteiro, como que para atestar tudo o que o frade havia testemunhado.

Tão logo foram avisados, os Superiores mandaram dali retirar o cadáver, julgando-o indigno de sepultura eclesiástica.

A cortesã de Nápoles

São Francisco de Girolamo, célebre missionário da Companhia de Jesus no início do século XVIII, foi encarregado de dirigir as missões no reino de Nápoles.

Certo dia, quando ele pregava numa praça napolitana, algumas mulheres de má vida – dentre elas uma chamada Catherine – tinham se reunido para atrapalhar o sermão com cantos profanos e ruidosos protestos, na tentativa de forçar o Padre a se retirar. Porém, ele continuou o seu discurso parecendo não se importar com as insolentes.

Tempos depois ele retornou para pregar na mesma praça e percebeu que a casa de Catherine, habitualmente turbulenta, estava em profundo silêncio:

— O que aconteceu com Catherine? – perguntou o Padre.

— Não sabeis, Padre? Ontem à noite a infeliz morreu sem poder dizer uma palavra! – contaram-lhe.

— Catherine está morta? Mas morreu de repente? Vamos lá saber o que aconteceu.

O Santo abre a porta, sobe a escada e, acompanhado de um grande número de pessoas, entra na sala onde se podia ver o cadáver estendido no chão sob um pano e quatro velas acesas, como era o costume no local.

Observou por alguns instantes com os olhos apavorados e, em seguida, com uma voz solene perguntou: "Catherine, onde você está agora?" O cadáver permaneceu mudo. Então, o Santo repetiu a pergunta: "Catherine, diga-me, onde você está agora? Ordeno que me diga onde você está!"

De repente, para o espanto de todos que ali estavam, os olhos do cadáver se abriram e seus lábios passaram a se mover convulsivamente e, com uma voz grave e profunda, respondeu: "No inferno, estou no inferno!".

Ao ouvir essas palavras a multidão fugiu aterrorizada. Junto foi o Santo, que impressionado dizia: "No inferno, ó meu Deus, que terrível, no inferno! Vocês ouviram? No inferno!"

A impressão causada com o ocorrido foi tão grande que muitos daqueles que testemunharam o fato não se atreveram a voltar para suas casas sem antes se confessar.

SÉGUR, Louis-Gaston. **O Inferno.** Tradução de Diogo Chiuso. Campinas: Ecclesiae, 2011. p. 42-46.